

Gonzo – palavra cujo significado em português designa o eixo sobre o qual se articula o movimento de uma dobradiça. No jornalismo, gonzo também é uma forma singular de narrativa que nasceu da inquietude de um dos grandes nomes da imprensa americana – foi Hunter Thompson quem criou na década de 60 esse estilo impar de relatos nos quais a subjetividade do repórter é escancarada diante do leitor. Algo como o que acontece com o protagonista de Profissão Repórter, vivido nas telas por Jack Nicholson – a definitiva grande obra-prima do diretor italiano Michelângelo Antonioni. Em trabalho de campo, o repórter interpretado por Nicholson faz uma série de perguntas a um líder tribal africano envolvido em disputas políticas. De maneira direta e simples o líder tribal subverte todas as convenções do jornalismo ao executar um giro de 180 graus com a câmera de Nicholson. Ação que se faz acompanhar pela seguinte declaração: “suas perguntas dizem mais a respeito de você do que qualquer outra coisa – é você mesmo quem deve respondê-las”. O olhar estupefato de Nicholson enfrenta a própria câmera como um espelho que apresenta sua imagem dissociada de si mesmo. Isto provoca no filme, de Antonioni toda uma reviravolta na vida do personagem, que vai até mesmo abandonar sua identidade como repórter para assumir uma outra, clandestina – o personagem de Nicholson irá trocar de identidade com um traficante de armas que conheceu poucos dias antes no mesmo hotel no qual estava hospedado. Isto acontece quando ele se depara com o cadáver do vizinho de quarto que tinha sofrido um enfarte fulminante.

O grande medo de todo jornalista nasce daquilo que foi verbalizado pelo poeta Arthur Rimbaud: “Eu é um outro”. O sujeito que se desprende para derivar independente pela malha dos sentidos que são

EDITORIAL MEDO E DELÍRIO EM CASCAVEL

produzidos na dimensão estrangeira dos enunciados. Olhar para si mesmo no jornalismo e confrontar-se com a alteridade tornada auto-retrato. O limite entre a dissociação e a alienação. Medo e delírio, como no título da obra mais importante do gonzo journalism (Fear and Loathing in Las Vegas – de Hunter Thompson).

A edição que chega até o leitor hoje nasceu do tema das fobias como eixo temático para o caderno. Tema e forma sempre em simetria no plano da performatividade – um dos princípios que imantam a agulha da bússola com a qual nossas outras pautas se orientam. Enfrentar os próprios medos – o recôndito mais íntimo do ser de cada um, no entanto, algo que se mostra também como desdobramento intransponível quando é necessário dialogar com essa entidade abstrata que percorre em forma de frio a espinha de quem se põe diante de um público – seja num palco, por detrás de um microfone, no mosaico televisivo, por entre os bits que percorrem a vida digital ou como aqui, por entre as fibras de celulose entintadas de uma página de jornal. Jornalismo de fato é algo homogêneo em sua constituição – o que muda é apenas o suporte tecnológico.

De acordo com Freud a única forma de emoção realmente autêntica é a ansiedade. É dela que se produzem todas as formas de sublimação com as quais se modulam a psique. Ao lidar com esse nível de relações é natural que se construam barreiras de proteção que sejam anteparos para situações traumáticas. Barreiras às quais se dão nomes como arte, ficção, mas também ciência e filosofia. Enfim, a faculdade da fabulação é um componente necessário para construção de uma experiência autêntica. Algo que acontece desde cedo na vida de uma criança que ao cantarolar murmúrios afasta o medo do qual se originam seus medos ao se perceber sozinha em seu quarto. É só assim que se resgata a possibilidade de sentido pela vulgarização de um lampejo nietzschiano que diz “temos a arte para que a verdade não nos destrua”. O gonzo journalism, estilo criado por Hunter Thompson e que tem como marca uma enunciação direta do

“eu” do jornalista, é uma forma de ritornello que alguém se põe a cantarolar quando se vê dentro de um trabalho de reportagem sem as redes de proteção dos manuais e dos clichês que imperam no jornalismo de formulário. Dessa maneira é que se transforma os “contras” em “prós” quando a barra pesa e tudo se torna esquisito. Não ir contra o pesadelo, mas, tal como Cioran (o filósofo da Transilvânia), esgotar os próprios delírios que se consomem em seu próprio excesso. Boa leitura. ☐

Segunda-feira, 24/11/2008 - Paraná

Ed. 32 / Ano 1 / Turma 2

Blog

outrapauta.wordpress.com

Oficina de Reportagem

Outra Pauta



O Djérous era um cara legal quando eu o conheci, sabe? Nem sempre ele foi assim, eu diria um pouco estranho. Ele gostava de viver, nós saíamos juntos ano passado, na 7ª série. Nunca foi atlético, na verdade era meio desengonçado jogando bola, por isso era o último a ser escolhido. Gostava de uma garota, Betty era o nome dela. Estudávamos os três juntos. Ela parecia gostar dele, como amiga, demonstrava afeto e era gentil. Djérous se apaixonou por ela na primeira vez que a viu. Me disse que a chamaria para sair, compraria flores para impressioná-la. Se declararia.

Foi até a casa de Betty com as flores, cabelo bem penteado, sábado à tarde. Estava decidido a se abrir para a amada. Chegando a casa dela, tocou a campainha, a mãe de Betty abriu a porta e disse que ela não estava. Envergonhado e escondendo as flores com uma mão por trás de seu corpo franzino, perguntou se poderia esperar Betty na varanda. A resposta foi afirmativa. Betty chegou rápido, porém acompanhada, de mãos dadas com um cara desconhecido. Betty ainda não viu Djérous em sua varanda. Deu um longo e molhado beijo de despedida na boca do desconhecido e até... até levantou o calcanhar, dobrando a perna para trás, formando um ângulo de 90 graus.

- Sabem o que é isso? O corpo fala de Pierre Weil e Roland Topankow afirma que cada gesto nosso representa uma comunicação não-verbal. Esse gesto significa aprovação, o par foi escolhido.

O que sobrou para Djérous? A humilhação, e a dor.

Djérous saiu correndo por trás dos pingos de ouro que formavam um corredor entre a calçada e a varanda da casa de Betty. Passou ríspidamente ao lado do casal, que surpreso em vê-lo encerrou o beijo, e correu mais que suas pernas. Foi para casa. Se trancou no quarto. Lembrou que havia deixado as flores na varanda de Betty. Era um arranjo caro, de lírios amarelos recém colhidos do jardim da floricultura, imaginou logo a gozação do casal ao ver as flores.

- E se ela contar para todos da escola? Vão me ridicularizar em público na segunda feira. Não posso mais aparecer na escola. Nunca mais! Nunca mais eu destranco essa porta!

A mãe chamou o médico para vê-lo.

O diagnóstico: umas vitaminas para acordar mais disposto e retornar à rotina. Se não funcionar vamos dar soro na veia.

Nada funcionou, o garoto parecia assusta-

do, não queria nem olhar pela janela. Achava que todos estavam aglomerados falando mal dele e do buquê de flores amarelas. Ficou o inverno todo dentro de casa, reprovou na escola. A bicicleta estava suja na garagem, caída e desregulada pela falta de uso.

- Djérous estava... depressivo?

- Talvez.

A mãe tentou sem sucesso levá-lo ao psicólogo, perante a recusa do filho foi sozinha ao consultório.

- A psicóloga Deise Rosa já vai atendê-la senhora, pode entrar?

- Olá, como vai? Queira se sentar senhora.

- No divã?

- Se a senhora assim quiser, pode ser aqui no sofá. Sente onde se sentir mais confortável.

- Obrigada, é que a consulta não é pra mim, é para meu filho Djérous.

- E onde ele está? - Pergunta a psicóloga.

- Ele não quer mais sair de casa, faz algum tempo que está trancado no quarto, não olha nem pela janela, doutora.

A mãe de Djérous explicou todo o caso à psicóloga, que adiantou que precisaria vê-lo para dar um diagnóstico. Nem que fosse preciso ir à casa de Djérous. Mas para não deixá-la aflita, explicou que ele poderia estar sofrendo de um tipo de fobia.

- Mas o que é fobia doutora?

A fobia é um tipo de medo, mais forte, mais utópico, que faz a pessoa refém. As origens podem ser várias. Pode ser causada por um trauma, pela superproteção dos pais ainda quando criança, ou pelas situações da sociedade.

O medo pode ser desencadeado por diferentes fatores. Há pessoas, por exemplo, que possuem fobia na hora de viajar de avião, elevadores, lugares apertados, ou até mesmo fobia por pessoas e locais abertos.

A pessoa que apresenta este distúrbio pode chegar a um determinado grau de medo que se torna impossível sair de casa, consequentemente a pessoa pode perder o trabalho, o ano escolar, os vínculos de amizade, namoro.

A cura para a fobia, seja ela qual for, exige tempo. Muitas vezes é recomendado o acompanhamento de um psiquiatra que poderá receitar remédios que auxiliem na redução da ansiedade de pacientes que apresentam este quadro.

No campo da psicologia comportamental, uma das alternativas utilizadas pelos psicólogos é a dessensibilização sistemática no paciente. Ou seja, aos poucos a pessoa entra em contato com o

SOCORRO SALCICHA!!

DJÉROUS, SENSIBILIZADO E SISTEMATICAMENTE MUTÁVEL

Leandro C. Navarro (jornalismo - UNIVEL)

objeto que a faz ter medo. Se o medo é sair de casa, então aos poucos, por meio de conversas é introduzido no paciente doses de estímulo e coragem, um passo de cada vez, primeiro o convence a olhar pela janela, ir até a porta, abri-la, até que perca o medo do que está a sua volta, crie coragem e determinação dentro si para abrir a porta da frente e sair caminhando.

Na maioria das vezes o paciente desenvolve este pavor (fobia) por coisas bobas, que não oferecem risco real. Uma coisa é ter nojo de baratas, outra coisa é ter pavor de baratas a ponto de chorar e criar uma situação constrangedora ao vê-la.

Pessoas que têm dificuldade em se relacionar, baixa estima e/ou pessoas inseguras devem tomar cuidado para não cair nas armadilhas que levam a desenvolver algum tipo de fobia.

Por estar constantemente sozinho, ou por não fazer parte da turma mais legal do colégio, ou por qualquer outro motivo, a pessoa acaba criando uma barreira imaginária que a separa do mundo real, quando percebe já passou bastante tempo e é difícil voltar para o outro lado.



Patch Work

"Eventos, por definição, são ocorrências que interrompem processos e procedimentos de rotina; somente em um mundo onde nada de importância acontece jamais, poderia o sonho do futurólogo tornar-se realidade. As previsões do futuro nada mais são do que projeções dos processos e procedimentos automáticos do presente, isto é, de acontecimentos que provavelmente se passarão se os homens não agirem e se nada de inesperado acontecer; toda ação, por bem ou por mal, e todo acidente necessariamente destroem todo o padrão em cuja estrutura movimenta-se a previsão e onde encontra seu fundamento. (A observação de Proudhon, "A fecundidade do inesperado supera grandemente a prudência do estadista", felizmente é ainda verdadeira. Excede ela mais obviamente os cálculos do especialista). Taxar esses acontecimentos inesperados, imprevistos e imprevisíveis de "acontecimentos fortuitos", ou "de últimos suspiros do passado", condenando-os a irrelevância ou à famosa "lata de lixo da história", é o mais antigo artifício nesse campo; o artifício, sem dúvida, ajuda a esclarecer a teoria, mas ao custo de removê-la para mais longe da realidade. O perigo reside em que essas teorias são não apenas plausíveis, por fundamentarem-se em tendências realmente possíveis de se discernir, mas em que, por causa de sua consistência interior, possuem um efeito hipnótico; fazem adormecer o nosso bom senso, que nada mais é que o nosso órgão mental que se destina a perceber, compreender e lidar com a realidade e com os fatos".

HANNAH ARENDT EM "SOBRE A VIOLÊNCIA"

"Nada está acontecendo. Enquanto isso crevo, temos uma situação presidencial schrodingeresca aqui nos Estados Unidos. Não podemos botar a água fora porque haveria o risco de matar, ao jogar junto o bebê; mas não podemos não jogar fora a água suja. Sempre há fatias mais e mais finas de irrealidade. O que você vê acontecendo é o que está efetivamente acontecendo - isto é, nada. Nenhuma conspiração, nenhuma profundidade, nenhuma ilusão. Não há nada escondido, nenhum dado deixa de ser processado. Toda a informação, todo o tempo; superfície infinita e profundidade micrônica. Toda a luz, nenhuma sombra. O intermediário para esse êxtase de informação é, claro, a mídia. Unificada em escala global pela primeira vez desde que a escrita foi inventada, há cerca de seis mil anos, toda a mídia - TV, rádio, cinema, imprensa, internet, produtos de imagem, educação, música - propaga a mesma mesmice, a mesma avidez histórica por um ainda-menos-sedutor fetichismo, a mesma tela fina sobre um abismo de tédio. E o tédio em si é o débil cortina que mal contém nosso terror, nossa raiva, nossa vergonha. Fatias mais e mais finas".

HAKIM BEY EM "BATALHA ESPIRITUAL"

"Marx já indicou de forma inequívoca que a atividade prático-crítica dos homens está no coração do próprio conhecimento e, por isso mesmo, não se pode estabelecer uma contraposição absoluta entre sujeito e objeto, entre a percepção e a coisa ou, se preferirmos, entre a atividade social que produz o mundo humano e os conceitos que desvendam o universo: O defeito fundamental de todo o materialismo anterior - inclusive o de Feuerbach - está em que só concebe o objeto, a realidade, o ato sensorial, sob a forma do objeto ou da percepção, mas não como atividade sensorial humana, como prática, não de modo subjetivo.

ADELMO GENRO FILHO EM "O SEGREDO DA PIRÂMIDE - PARA UMA TEORIA MARXISTA DO JORNALISMO".

"Nós, seres humanos, perdemos a vida buscando coisas que já encontramos. Todas as manhãs, em qualquer latitude, os editores de jornais chegam à redação perguntando-se como vão contar a história que seus leitores já viram e ouviram dezenas de vezes na televisão ou no rádio, nesse mesmo dia. Com que palavras narrar, por exemplo, o desespero de uma mãe que todos viram chorar ao vivo, diante das câmeras? Como seduzir, usando uma arma tão insuficiente como a linguagem, pessoas que experimentaram com a vista e com o ouvido todas as complexidades de um fato real? Esse duelo entre a inteligência e os sentidos tem sido resolvido há vários séculos pelas novelas (romances), que ainda estão vendendo milhões de exemplares apesar de alguns teóricos terem decretado, há duas ou três décadas, que a novela (o romance) tinha morrido para sempre. O jornalismo também resolveu esse problema através da narração, mas aos editores custa aceitar que essa seja a resposta para o que estão buscando há muito tempo".

TOMÁS ELQY MARTINEZ EM "CRÔNICA E REPORTAGEM - EM BUSCA DE UM JORNALISMO PARA O SÉCULO XXI".